

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

OPA, DOUTOR. MAIS UMA RODADA DE CIÊNCIA, POR FAVOR.

Lucas Marquioni de Jesus

Seria mais um bar de sexta-feira como qualquer outro: pós treino coletivo, uma rodada aqui, uma porção de amendoim ali, um refrigerante para quem não bebe, e conversas com reflexões filosóficas repletas de certezas sobre as coisas da vida, como é normalmente em volta de uma mesa de plástico. A questão da vez era como um biólogo – no caso, eu – tinha parado num mestrado vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp).

Dentre as explicações sobre o Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural e as suas perspectivas sobre a democratização do conhecimento científico, um comentário surgiu, acabando com qualquer possibilidade de certezas sobre coisas da vida: “Quando passei no vestibular em 2017, no dia da matrícula, meu pai atravessou a cidade comigo de carro, parou em frente ao Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, disse ‘acho que é aqui’ e ali eu descí”.

O VÁCUO NA PERCEPÇÃO SOBRE CIÊNCIA E CIENTISTAS DO BRASIL

Segundo informações da própria Unicamp, 8% da pesquisa acadêmica e 12% da pós-graduação do Brasil são atribuídas à Universidade Estadual de Campinas, além de diversos outros indicadores de produtividade e qualidade de cursos e docentes. Mesmo assim, para aquele morador de Campinas, “a Unicamp era o HC”.

“Poucas universidades têm pesquisa, e, dessas poucas, a grande parte está na iniciativa privada, como a Mackenzie em São Paulo”; essa foi uma fala do então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, em 2019. É sabido que mais de 90% da pesquisa brasileira é realizada por universidades públicas, e em texto da *Folha*, o jornalista Reinaldo José Lopes mostra outros dados que desmentem tais afirmações, sugerindo possíveis razões para tal fala. Apesar das diversas possibilidades de problematização, atenho-me à seguinte questão: quais explicações para uma parte considerável da população não apenas aceitar tais informações inverídicas, como defendê-las como verdade?

Ainda que contextualizado esse cenário de vácuo no campo da conexão da ciência com as pessoas, você ainda pode ter dúvidas sobre um possível viés narrativo meu, afinal, sou um mestrando em Divulgação Científica. Dessa forma, um relato de caso e as falas de um ex-presidente podem não bastar, sem um maior rigor metodológico.

Assim sendo, na mais recente pesquisa “O que os jovens brasileiros pensam da ciência e tecnologia (2024)”, o vácuo institucional de popularização da ciência é visualizado metodologicamente. Enquanto 67% dos entrevistados afirmam serem interessados ou muito interessados em Ciência e Tecnologia, apenas 19% lembraram o nome de “*alguma instituição que se dedique a fazer pesquisa científica no Brasil*”. Ainda que modificada a pergunta para “*alguma universidade brasileira na qual se façam pesquisas científicas*”, esse percentual subiu para apenas 32% de jovens que citaram alguma universidade.

Dessa forma, o contraste entre a publicação de quase 157 mil artigos no Brasil em 2023, sendo o décimo país em produção científica no mundo, e a percepção da população brasileira sobre nossa ciência levantam mais questionamentos: a quem se destina a pesquisa do Brasil e como se conecta com as pessoas?

A NECESSÁRIA MUDANÇA DE PERSPECTIVA INSTITUCIONAL

Carlos Vogt, já em 2003, argumenta que a expressão “cultura científica” permite compreender que seu desenvolvimento da ciência não é dissociado de um processo cultural, que envolve os aspectos de: (1) Produção do conhecimento; (2) Comunicação do conhecimento dentro da comunidade acadêmica; (3) Ensino do conhecimento; e (4) Divulgação desse conhecimento à sociedade. Ou seja, uma das principais observações sobre a dinâmica desse processo cultural, apesar da organização em quatro quadrantes, é que não há ruptura entre a produção do conhecimento e sua divulgação, sendo um encadeamento contínuo.

Vogt ainda trata esse desenvolvimento científico como uma espiral, na perspectiva de que não há limite ou fim nesse processo. Assim, ao perfazer o ciclo dos quatro quadrantes, não se retorna ao mesmo ponto de início, mas sim a um novo e ampliado ponto de conhecimento e de cidadania de dentro e fora da comunidade científica.

Uma vez que entendemos a ciência como Cultura, a produção científica se torna tão importante quanto sua comunicação, educação e divulgação. E é neste ponto que a perspectiva institucional mostra uma grande lacuna. Enquanto, academicamente, somos cobrados a produzir cada vez mais, recebemos as recompensas se o fazemos ou os ônus do oposto. No fim das contas, a universidade, que tem como tríade “*Ensino, Pesquisa e Extensão*”, e muitas instituições de fomento dão valor desproporcional à pesquisa em detrimento dos outros fatores inerentes aos processos culturais da ciência.

O resultado? Bom, é notória a desconexão da academia com a sociedade como um todo. Esta que, ao mesmo tempo que trata os cientistas como um dos grupos profissionais que mais inspiram confiança, em sua maioria esmagadora, não sabe citar qualquer nome de cientista ou divulgador de ciência brasileiro.

POSSÍVEIS CAMINHOS

Em primeiro lugar, para mudar o panorama em que estamos inseridos, é necessário entender a desconexão com a sociedade como um real problema, tanto numa ótica de valores **intrínsecos** quanto **utilitários**. Explico:

– Quando trato de um valor intrínseco sobre a democratização da cultura científica, atribuo que essa mobilização tem valor por si, pelo direito das pessoas terem acesso a essa cultura, rompendo a elitização do conhecimento acadêmico;

– Já na visão utilitarista, entende-se que, uma vez que, necessitamos de apoio da sociedade para manutenção e aumento de investimentos no desenvolvimento científico e tecnológico, o isolamento da academia em relação à sociedade desengaja o suporte que as pessoas forneceriam em momentos de crise. Além disso, essa “aculturação” favorece, nesses mesmos momentos de crise, movimentos de desconfiança e ataques à ciência, justamente por esse isolamento entre ciência e sociedade.

Vale deixar claro que a perspectiva de Cultura Científica, supera o modelo de déficit, e a disseminação de informações científicas não se refere a levar uma “verdade para salvar as pessoas da ignorância”, mas, sim, auxiliar numa perspectiva crítica e de autonomia.

Por fim, esforços individuais de popularização da ciência por parte de divulgadores e jornalistas de ciência em redes sociais ou na mídia tradicional é importante, mas a institucionalização dessas práticas dentro da academia é essencial para criar um vínculo estrutural,

sem uma visão de oposição entre sociedade e ciência. É visto, então, a necessidade de um suporte institucional, ancorado em políticas públicas contínuas e eficientes, democratizando o acesso à ciência e propiciando que mais pessoas, em mais mesas de bar, sendo cientistas ou não, conversem sobre ciência.

Tudo isso, graças a uma conversa em volta de uma mesa de plástico. Definitivamente, o bar daquela sexta-feira não foi como qualquer outro.

REFERÊNCIAS

BRASIL publicou quase 157 mil artigos em 2023. **CAPES**, 25 mar. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/brasil-publicou-quase-157-mil-artigos-em-2023>. Acesso em: 28 out. 2024.

LOPES, Reinaldo José. Universidades públicas produzem mais de 90% da pesquisa do país; resta saber até quando. **Folha de S.Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldojoselopes/2019/04/universidades-publicas-produzem-mais-de-90-da-pesquisa-do-pais-resta-saber-ate-quando.shtml>. Acesso em: 28 out. 2024.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu; MENDES, Ione; FAGUNDES, Vanessa; CASTELFRANCHI, Yuri. **O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia**: survey 2024. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia (INCT-CPCT), 2024.

UNICAMP. **Pesquisa**. [s. d.]. Disponível em: <https://internationaloffice.unicamp.br/estrangeiros/pesquisa/>. Acesso em: 30 out. 2024.

VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. **ComCiência** – Cultura Científica. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml>. Acesso em: 28 out. 2024.

